

O ARARIPE.

O ARARIPE é destinado a sustentar as ideas livres, protejer a causa da justiça, e propugnar pela fiel observancia da lei e interesses locais. A redação so é responsavel pelos seus artigos; mas os mais, para serem publicados, deverão vir legalizados. O preço da assignatura é por um anno 4\$000 pagos adiantados; e por 6 meses somente 3\$000. O jornal sairá todos os sabbados. Os assignantes terão gratis 8 linhas por mez as mais será pagas a 60 rs. cada uma e 80 rs. os outros.

CRATO. — Typographia de Monte & Comp. — casa do P. sa — N.

O ARARIPE.

Vamos nos congratular com todos os homens de bem do Ceará.

Funciona de presente o tribunal do jury, e após tantos annos dessa bella instituição, ja podemos referir cheio de praser que um só homicidio não foi affec- to ao seo julgamento!

Ja é um motivo bastante para nos encher de jubilo: a humanidade está desassombrada.

O que não foi o Crato a 10 annos a esta parte? Uma terra amesquiada por facinorosos, assolada de ladões. Tudo melhora pela influencia das luses, que desabroxeo; e si devemos confiar dos milhore, principios, que vae professando o grande e o pequeno, será raro diser se q' aqui deo se um caso de homicidio.

Os costumes se reformao debaixo de todos os pontos de vista: si ha inteira confiança de pessoa, a propriedade vae sendo respeitada grandemente, o trabalho se organisa debaixo de uma forma mais regular, o commercio toma mais vida e melhor direcção, a edificação se regularisa, florescem as povoações, e a agricultura enfim não vae mal, depois da introdução das machinas de ferro para moer canna, e dos alambiques de cobre em ponto grande.

Duas cousas parecem faltar ainda a obra da organisação deste pais, até hontem na anarchia e ignorancia: vem a ser as boas estadas sobre tudo para o leão, interposto commercial do Cariry, e uma medida do governo que véte a subdivisaõ da propriedade territorial, mal tanto mais digno de severa repressão, quanto é verdade que os pequenos proprietarios nada podem em favor do augmento da industria em um pais sujeito a esterilizar se pela derriba das matas, e que só produs pelas irrigações.

De facto sitios que outr'ora tihão bastantes metas para proteger os terrenos da aççõ esterilisa- dora do sol adusto de nossa zona, e um corrente para suas irrigações, vemos hoje, depois de tres e quatro inventarios, subdivididos em centenares de pequenos predios, que se disputaõ as agoas e as madeiras, té ficarem redusidos a miseraveis capoeiras.

Quanto melhor não seria, que um sitio, com tudo que é mister para produsir, isto e', com seus brejos, seus ariscos, seus pastos, suas madeiras e suas agoas ficasse sempre indivisivel, sendo adjudicado a um só herdeiro, ou vendido intacto a um só comprador, que pagasse a cada herdeiro, em dinheiro de contado, o que lhe coubesse?

É esta uma questão para que chamamos a attenção dos poderes de estado, e que quiseramos ver discutir.

Nossa opiniaõ, que logo motivaremos, é que a divisaõ dos predios e das agoas é um grande mal, e citaremos para exemplo o facto recente do engenho Belmonte, que sendo outr'ora uma propriedade florecente, vae tornando-se nada, depois de dividido. As agoas, que possuidas por um só bastavaõ para cem tarefas de cannas, hoje para nada chegam, ratiadas entre muitos possuidores.

Os sitios do Brejo do Fernando, B-bida-nova e outros estão no mesmo caso: no entanto que possuidos, como dantes, produsiriaõ muito mais do que produzem hoje.

Entre outras necessidades do Cariry, estas duas reputamos de primeira ordem.

LITTERATURA

HISTORIA.

O CAPTIVEIRO DE S. LUIZ.

Anno de Christo de 1250

O rei S. Luiz estava captivo. Deus dava á este

ILEGIVEL

príncipe já tão grande por seu valor, por seu genio e pelo throno que occupava, uma vida de soffrimentos e de privações, para edificár os christãos d'então e os christãos providouros com o exemplo de sua coragem e de sua resignação evangelica. S. Luiz reunia todas as qualidades que fazem os reis illustres e os Santos illustres, e sua vida é cheia de lições para aquelles que sam chamados à governar os imperios, como para aquelles que não sam chamados sinão à governar as suas paixões.

A sétima cruzada que com çãra com a tomada de Damiette e com outras brilhantes façanhas, acabava em meio de grandes desgraças. O conde d'Artois, irmão do rei, já não existia; metade do exercito christão estava destruido, outra metade jazia em ferros; e o rei de França, que recusara abandonar os cavalleiros, com que se fôra para o Egypto, o rei de França estava captivo! Os cruzados só possuíam Damiette, apenas defendida por suas fortificações, por soldados desanimados e por alguns mercedores italianos, Damiette onde a rainha viera dar luz a um príncipe á que pozera o nome de *Jean-Tristan*, por ter nascido em meio do luto e das lagrimas.

O rei de França foi á principio tratado como o ultimo de seus cavalleiros. Puzeram-lhe cadeia aos pes e ás mãos, si bem que muribundo; servia-o apenas um criado que o curava em sua enfermidade. Para cobrir-se, tinha um grosseiro capote que devia a caridade de um prisioneiro, e de todas as suas riquezas uma apenas pudera salvar que era o livro dos psalmos, riqueza sem valor aos olhos dos Sarracenos. Abandonado de todo mundo, consolava-se o santo rei de seu infortunio, lendo esses hymnos dos prophetas em que Deus falla de sua justiça e de sua misericordia, retemperando o animo dos que soffrem em seu nome e ameaçando com sua colera aquelles que abusam de seu triumpho. Com menos coragem supportava as desgraças dos cavalleiros christãos que gemiam longe d'elle, e as sacrilegas imprecações que proferiam seus guardas contra Jesus-Christo e contra seus defensores.

Entretanto o sultão do Cairo pareceu abrandar os rigores de sua politica. Enviou ao rei de França seus medicos mais habéis, e fez tudo por conservar um príncipe que destinava à ornar seu triumpho e de quem esperava obter as vantagens devida à sua victoria. Não se tardou em propôr á Luiz despedaçar-lhe os ferros, com tanto que elle restituísse Damiette e as cidades da Palestina que ainda se achavam em poder dos Franceses. Luiz respondeu que as cidades christãs da Palestina não-lhe pertenciam, que Deus havia posto recentemente nas mãos dos seus a praça de Damiette, e que ninguem podia dispôr d'ella.

2
Irritado o sultão com esta recusa resolveu empregar a violencia; ora ameaçava Luiz IX de o enviar ao califa de Bagdad que o faria morrer na prisão; ora annunciava o projecto de fazer viajar pelo Oriente seu illustre captivo e de mostrar á Asia inteira um rei Christão reduzido á escravidão. Finalmente chegou á ameaçá-lo de fazer-lhe supportar um horrivel supplicio, so reservado aos maiores criminosos. Luiz mostrava-se inabalavel, e contentava-se com responder à todas estas ameaças: « Sou prisioneiro do sultão, elle pode fazer de mim o que quiser. »

Em quanto o sultão do Cairo fazia assim várias tentativas para domar a altivez ou abater a coragem de Luiz IX, instavam o favoritos com seu senhor para que concluísse promptamente a paz: « Vós lendes, lhe diziam elles, inimigos mais pirigosos que os christãos; sem vossos emirs, tam poderosos contra ora ao tempo do sultão Negmeddim vosso pai, e hoje tam humilhados. Elles conspira o seguramente vossa perda, si vos deixarem o throno, será com a condição de reinar em vosso lugar. Não fallam elles incessantemente de suas victorias como si vós mesmo não houvesse vencido os Francos, como si o Deus de Mahomet não tivesse enviado a peste e a fome para vos ajudar á triumphar dos defensores do Christo? Appressai-vos pois em terminar a guerra para firmar no interior vosso poder, e não sejais tam exigente em vossas condições » Estes discursos q' lhadjejavão o orgulho de Almoadam q' de mais libes comprehendendo a justiça, o decidiram á fazer ao rei proposições mais razoaveis. Limitou-se á pedir Damiette e um milhão de bezantes d'ouro para regaste do rei e dos outros prisioneiros. Sabendo Luiz que Damiette não estava em estado de se defender, mandou em resposta q' daria esta cidade por sua despeza, visto que um rei de França não se resgatava por dinheiro; e que daria o milhão de bezantes de ouro pelo libertamento de seu exercito. Logo que recebeu esta resposta, o sultão deu-se pressa em dispôr tudo para conclusão do tratado. Os dous soberanos designaram a sexta-feira que precede a Ascensão para a entrega de Damiette e soltura de todos os captivos.

Entretanto morparte dos emirs d'Almoadam pensavam em vingar-se das injurias que tinham recebido de seu novo senhor e em requirir o poder de que gosavam ao tempo de seu pai. Entre os descontentes, eram principalmente os Mamelkus e seu chefe. Esta milicia, cuja origem remontava á Saladin, e d'Almoadam, tinha obtido os maiores privilegios nos reinados precedentes. Exprobavam elles ao sultão preferir jovens favoritos á velhos guerreiros, sustentáculos do throno e salvadores do Egypto. Exprobavam-lhe ter concluido a paz sem consultar aquelles que haviam supportado o pezo da guerra,

ILEGIVEL

ter distribuido os despojos dos vencidos por cortesias inuteis; attribuiram-lhe até os projectos mais sinistros, e a rebelião nascente se inflamava com a narração das perseguições futuras. Citavam-se os emirs que da execução, tudo era marcado, tudo estava prompto. Os conjurados resolveram prevenir estes perigos reais ou imaginarios, e matar Almoadam antes que este os matasse. Offereceu-se uma occasião favoravel.

Dois dias antes da conclusão da tregua, quiz o sultão do Cairo dar um festim aos principaes officiaes do seu exercito. No fim do banquete, cahiram sobre elle os conjurados armados com espadas; é Bondoc dar quem lhe da o primeiro golpe, Almoadam, tendo sido apenas fendo na mão, levanta-se attonito, escapa se pelo meio de sua guarda immobil, e procura reunir alguns defensores. Troam de feito os tambores e dão signal de reunir as tropas; mas os chefes da conjuração dizem aos soldádos que Damiette está tomada e o exercito inteiro se precipita para esta cidade, deixando o sultão á sos com aquelles que lhe queriam a vida. Os Mamelukos o accusam e ameaçam. O sultão quer justificar-se, mas suas palavras perdem-se no tumulto; por fim escapa-se todo ensanguentado das mãos dos conjurados que do novo o alcançaram, atira-se ao Nilo e procura ganhar alguns navios que pareciam approximar-se á margem para o receber, ou talvez uma das galeras em que elle amontoara os cavalheiros christãos; nove Mamelukos seguem-no pelo rio e lhe atiram golpes a vista da galera em que se achava Joinville a Providencia fazia assim os preségnos testemunhas da ruina e da queda do perseguidor.

Luiz, encerrado em uma tenda que á pressa se levantara nas margens do Nilo e onde se devia concluir o tratado, tinha ouvido o tumulto. Sem nada saber, julgou que se matavam os prisioneiros francezes ou que os musulmanos houvessem tomado Damiette. Era com estas inquietações, quando vio entrar em sua tenda Octai, chefe dos Mamelukos e chefe da conjuração. Octai faz retirar os guardas de S. Luiz, e diz-lhe mostrando um alfange ensanguentado: « Almoadam ja não existe; que me darás tu por te ter livrado d'um inimigo que meditava e tua e a nossa perda? » Luiz de indignação nada respondeu. Então, apresentando a ponta de sua espada: « Não sabes acaso, accrescentou o emir furioso, que eu sou senhor de tua pessoa? Faze-me cavalheiro, si não queres ser morto.— Faze-te christão, replicou o monarcha, ou te farei cavalheiro » Fulminando por esta resposta e pelo semblante impassivel de Luiz, Octai retira-se. Vai a encontrar-se com seus companheiros, que acabam de desthornar seu senhor, mas que não sabem a quem designar para succeder-lhe. Ater-

ravam-se os mais avizados á ideia de reinar sobre um paiz cheio de perturbões, e commandar um exercito dominado pelo espirito de sedição. Para esta missão perigosa, não se sentem elles nem com bastante firmeza nem com bastante genio. Agitados por estas reflexões precipitam se para a tenda do rei, levando ainda nas mãos as espadas fumegantes com o sangue d'Almoadam. Luiz os vê entrar sem emoção, assenta se, e os encara com uma dignidade simples e altiva. Não se sabe que prodigio se operou de repente no espirito d'aquelles feroses Mamelukos, que se lançaram aos pes do rei de França, e, como si sentissem em sua presença a necessidade de justificar se, explicam-lhe que foram forçados á matar um tyranno que os queria perder e que queria perder os christãos; depois offerecem á S. Luiz o throno da victima.

Joinville não nos conservou a resposta do piedoso monarcha. Certo que elle não podia aceitar semelhante proposição; mas outro talvez se aproveitasse do enthusiasmo dos Mamelukos para obter condições de paz mais favoraveis, ou pelo menos um captiveiro menos rigoroso. O caracter de S. Luiz não se compadecia com estes manejos. Elle rejeitou sem orgulho, mas sem hesitação, offercimento dos Mamelukos e resignou se á todas as consequencias que esta recusa poderia provocar, mas a impressão que produzia sobre os infieis era muito forte e muito recente para que corresse algum perigo. Os emirratificaram as condições apresentadas pelo sultão exigiram somente que antes de ser posto em liberdade o rei entregasse Damiette, e antes de deixar o Nilo, pagasse metade da somma fixada para o regate de seu exercito.

Era por semelhantes vicissitudes que a Providencia experimentava a virtude de Luiz. As disposições de seus inimigos haviam ainda mudar. Sua vida tinha ainda de ser ameaçada antes que elle visse cairem seus ferros; e, para cumulo do infatimo, não era no reino de seus pais que elle devia exhalar o ultimo suspiro. (*Le Catholique.*)

DEFESA A CUNHADA.

Em defesa da cunhada,
 Tirannamente ferida
 Por mão sacrilega, audaz,
 O impio Cunhadicida;
 Em versos sem connexão
 Vou mostrar-te a sem razão.
 Não nego que alguma seja,
 Qual pintou-te a fantasia,
 Tontices, e desvanecios
 Tudo tenha em desmasias;

4
Conheço também milhares
Anotadas d'exemplares.

Qual se vio no Ceo impyreo
Entre os anjos immortaes,
Qual se vê no Ceo terreno
Por entre anjos carnaes;
Ostentaõ bollesa igual
Anjos do bem e do mal.

Cunhada, mulher, ou filha,
Sem juizo he anjo máu,
Com taes quindins, e me deixes
So condiz topana, ou pau;
Estas são diabos femeas
Q' a tudo soltão blasfemias.

Mas também temos anginhos
Do terreno paraizo,
Talhe esbelto, andar garbozo,
Porte grave, agudo sizo:
Riem, fulgão de tal geito,
Q' a licença impõe respeito:

Destas pois vou descrever-te,
Em tosco quadro, as virtudes;
Por que no num'ro não fiquem
Das tantas com quem te illudes:
Dê-se ao vicio correcção
E a virtude galardão:

Se são crianças, são anjos,
Q' o solio patrio abrilhantão;
Se os dirige educação
Desde logo o vicio espantão;
Qual nos Ceos da Divindade
São anjos da humanidade:

Entre o coro dos sobrinhos
Tem de filha os memos tractos,
Perante a sogra, ou madraستا
He antidoto dos flatos;
He dos orfãos protecção
Na madraستica paixão.

Quando puer casadeira
Dos Deosos segue o preceito,
Recebendo a dorações,
He da natureza o efeito;
Mas um olhar inflexivel
Fal-a ao vicio inaccessible:

Pode sim, nesse entretanto,
Palpitar-lhe o coração;
Mas que tem? pois ella deixa
De ser das filhas de Aã?
Então não deve a costella
Aquem urge a falta d'ella?

Se reciproco pensar
Arrouba dois corações:
Se no altar d'Hymeneo

Se dão cubiçosas mães.

Oh deixamol-a de parte.

Pintal-a não pode a arte.

Então sincera amisade
Muitos serviços se dá,
Com pouco la vão as primas
Ver as priminhas de lá:
Ja da Cunhada é comadre
Que nos dá filho, compadre.

Se chega a passar a tia,
He da casa a mor gerente:
A mana, mãe, ja cançada,
Dá receita de doente;
Ella serve com cuidado
Mama, sobrinha, cunhada.

O doutrinar a familia
Toma por obrigação;
Leva as sobrinhas á missa
Lhes ensina a confissão:
Nos caminhos da virtude
Derige a familia rude.

Se tem sobrinho afilhado
Deixa-lhe os bens, quando morre,
Dá liberdade aos captivos.
Que não quisera que ferre
Eis homem máu, trasladadas
A virtude das cunhadas.

Peço pois que não te illuda^s
Com as formas de belleza;
Rara vez tem semilhança
C'ó o espirito a natureza:
Escolhe nos dotes d'alma,
Q' acharás quem leve a palma.

24 de setembro de 1858. * * *

Falleceu na madrugada do dia 14 do corrente
o Sr. José Ribeiro de Andrade, sexagenario e
cego. Era um excellente pae de familia. Damos
nossos pesamos á seos filhos e parentes.

ANNUNCIOS.

Ignacio Brigido dos Santos, offerece-se nesta co-
marca, ou fora della, para se encarregar de qual
quer causa crime ou civil, affirmando o bom zello.

Em casa de Joaquim Romão Baptista, vende-se
procurações bastantes selladas e sem sello.

Imp. por Manoel Brigido dos Santos Junior.

ILEGIVEL